

**PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS IR,
CHEGAR E DAR: DE PREDICADOR A AUXILIAR**

Patrícia de Carvalho Pires (UESB)

patypires@hotmail.com

Nayara Crisley Barreto Brasil Farias Rocha (UESB)

ncbrocha@gmail.com

Milca Cerqueira Etinger Silva (UESB)

milcacerqueira@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos os usos não prototípicos dos verbos *ir*, *chegar* e *dar* na língua portuguesa falada no Brasil. Nesse sentido, partimos da hipótese de que tais verbos vêm percorrendo um caminho rumo à gramaticalização, em nível morfosintático e semântico, na medida em que passam da condição de verbo pleno a verbo suporte/auxiliar na língua em uso. Assim, com base no Funcionalismo Norte-Americano, que considera a língua em situações reais de comunicação (GÍVON, 1995), o nosso objetivo geral é o de analisar o processo de gramaticalização (HOPPER, 1991) dos verbos *ir*, *chegar* e *dar* – considerando, nesse processo, os aspectos formais e funcionais – nos diversos contextos de uso da língua portuguesa falada, mais especificamente, em Vitória da Conquista-BA. Como objetivos específicos, é nossa pretensão mapear sincronicamente as ocorrências com os verbos em estudo, considerando as perspectivas estabelecidas pela Tradição Gramatical e pela Tradição Linguística, e analisar o processo de gramaticalização que resulta no surgimento de novas funções gramaticais. Para tanto, recorremos a dados extraídos dos *corpora* orais da região, o *Corpus do Português Popular* de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e o *Corpus Português Culto* de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*).

Palavras-chave:

Chegar. Dar. Ir. Gramaticalização.

ABSTRACT

In this research, we investigated the non-prototypical uses of the verbs *to go*, *to arrive* and *to give* in the Portuguese language spoken in Brazil. In this way, we started from the hypothesis that these verbs have been following a path towards grammaticalization, at the morphosyntactic and semantic level, how they moved out a full verb to a support / auxiliary verb in the language in use. Thus, based on the North American Functionalism, which considers language in real situations of communication (GÍVON, 1995), our general objective is to analyze the grammaticalization process (HOPPER, 1991) of the verbs *to go*, *to arrive* and *to give* – considering, in this process, the formal and functional aspects – in the different contexts of use of the Portuguese language spoken, more properly, in Vitória da Conquista-BA. As specific objectives, it is our intention to synchronously map the occurrences with the verbs under study,

considering the perspectives established by the Grammatical Tradition and the Linguistic Tradition, and to analyze the grammaticalization process that results in the emergence of new grammatical functions. To do so, we used data extracted from the oral corpora of the region, the Corpus of the Portuguese Popular of Vitória da Conquista (Corpus PPVC) and the Corpus Portuguese Cult of Vitória da Conquista (Corpus PCVC).

Keywords:

To arrive. To give. To go. Grammaticalization.

1. Introdução

A dinamicidade linguística é nitidamente evidente quando nos atentamos para as variações que surgem nos diversos contextos sociocomunicativos. Dessa forma, baseadas na perspectiva funcionalista norte-americana (GÍVON, 1995), buscamos compreender as motivações responsáveis pela emergência das variantes. Sendo assim, com o entendimento de que a língua é fruto de uma interação social, dedicamo-nos, neste trabalho, a analisar os usos dos verbos *ir*, *chegar* e *dar* a partir da função que exercem em contextos reais de comunicação, mais precisamente, no português falado em Vitória da Conquista.

Neste trabalho, para compreendermos o processo de variação e mudança linguística pelos quais passam os verbos em estudo, partimos das seguintes hipóteses: 1. o item linguístico *ir* vem passando por um processo de gramaticalização, em nível morfosintático e semântico; 1a. a estrutura tipo desse verbo como auxiliar [V1 *ir* + V2] apresenta uma a construção do futuro em direção a uma forma analítica; 1b. a trajetória de dessemantização do verbo *ir* ganha uma nova função gramatical mais abstrata, partindo da noção de espaço para a noção de tempo; 2. o verbo *chegar* em estruturas do tipo [V1 (*e*) + V2] exerce função de verbo auxiliar; 2a. A auxiliaridade de *chegar* em estruturas perifrásticas é resultante do processo de abstratização do item rumo à gramaticalização; 2b. A abstratização de *chegar* envolve processos cognitivos, próprios da mente humana, como por exemplo, a metáfora e a metonímia; 2c. Estruturas do tipo [V1 (*e*) + V2] nas quais V1 não é um verbo prototipicamente auxiliar, apesar de novas, expandem-se e se fixam na Língua Portuguesa falada no Brasil; 3. O verbo *dar* exerce a função de auxiliar quando se une a um elemento nominal, constituindo uma estrutura do tipo [V *dar* + SN], formando um todo significativo; 3a. Este verbo, enquanto auxiliar, passa pelo processo de abstratização, o que resulta na perda do seu valor morfosintático e semântico prototípicos; 3b. A auxiliaridade do *dar* – em uma

estrutura tipo [Vdar + SN]– apresenta uma carga semântica múltipla, o que contribui para a construção de novos significados em distintos contextos de uso.

Para o entendimento da língua em uso, apresentamos – a partir das hipóteses por nós levantadas no presente trabalho – o diálogo entre as ocorrências com os verbos em estudo e a teoria Funcionalista Norte – Americana, com base nos estudos de Hopper (1991), Givón (1990, 1995), Guy (2001), Heine (2003), Hopper e Traugott (2003).

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: após esta Introdução; trazemos a seção *O Funcionalismo Norte-Americano*, na qual abordamos brevemente alguns conceitos que explicam os fenômenos em análise. Na seção 2.1. *Gramaticalização dos verbos chegar, dar e ir*, tratamos do fenômeno responsável pela mudança lexical dos itens; na seção 3, apresentamos o *Corpora* utilizado; na seção 4, *Análise e discussão dos dados*, expomos, brevemente, a interpretação dos dados; na seção 5, realizamos as *Considerações finais*.

2. Funcionalismo norte-americano

Os estudos funcionalistas consideram que há uma aparente instabilidade inerente ao sistema linguístico motivada pelas práticas discursivas dos falantes. Dessa maneira, a gramática é constituída a partir do discurso, no qual as estruturas sintáticas se ajustam a novas funções/significados. Ou seja, a gramática é determinada pelo uso, que, no decorrer do tempo, dá forma ao sistema linguístico. Sendo assim, a pesquisa funcionalista investiga não apenas as estruturas sintáticas, mas se concentra na integração dos componentes semânticos e pragmático-discursivos. Isso quer dizer que o componente formal, representado pela estrutura linguística, e o componente funcional são vistos de maneira integrada.

De acordo com essa abordagem, a princípio, as estruturas linguísticas têm seus contextos originais mais icônicos²¹⁷ e, por meio da frequência de uso e convencionalização social, regularizam-se posteriormente e perdem suas características originais em prol da sistematização

²¹⁷ Diferente da designação apresentada por Saussure (2006 [1916]), em que o signo linguístico é arbitrário, ou seja, não há uma motivação entre o significante e o significado, o Funcionalismo define que há uma correlação entre a forma e a função: a estrutura da língua reflete de alguma maneira a experiência humana (GIVÓN, 1984).

gramatical. Portanto, considera-se que a arbitrariedade é consequência, entre outras questões, dos desgastes do significado primário das formas linguísticas. Diferente do Estruturalismo que enfatiza o princípio da arbitrariedade, o Funcionalismo não considera as estruturas autônomas, mas sim motivadas por pressões de uso e por processos de ordem cognitiva, tais como a metaforização e a metonimização.

Nessa perspectiva, referente aos processos de cognição, é possível apreender que a *metáfora* é um mecanismo de transferência conceptual, enquanto que a *metonímia* se responsabiliza em aproximar diferentes domínios cognitivos, partindo, sempre, de uma motivação pragmática, que contribui para reinterpretação de um item linguístico de acordo com os contextos. Lima-Hernandes (2011, p. 31) apresenta o seguinte quadro que resume as diferenças entre a metáfora e a metonímia:

Quadro 9: Diferenças entre Metonímia e Metáfora.

Metonímia	Metáfora
Nível sintagmático	Nível paradigmático
Reanálise (abdução)	Analogia
Implicaturas conversacionais	Implicaturas convencionais
Opera por meio da inter-relação sintática dos constituintes	Opera por meio de domínios conceptuais

Fonte: Bisang (1998, p. 16).

A partir do que expõe Ullmann (1964), em uma visão pré-estruturalista, a *metáfora* e a *metonímia* se complementam e, de acordo Traugott (1988), não há como separá-las, pois, enquanto a metáfora se ocupa na solução de problemas de representação, a metonímia se associa à solução de problemas na informatividade e relevância na comunicação. Por resultado dessa associação na solução de problemas, a metáfora e a metonímia “(...) ajudam a explicar a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior ou construção mais gramatical” (LIMA-HERNANDES, 1991, p. 31). Dado o exposto, entendemos que, nas estruturas do tipo [V1 (e) + V2] e [Vdar+ SN], em que os verbos *ir*, *chegar* e *dar*, respectivamente V1 e Vdar, se comportam como verbos auxiliares de V2e, no caso do *dar*, do SN.

Dessa forma, para maior expressividade, os mecanismos metafórico e metonímico permitem ao usuário construir expressões do tipo: (i) Com o verbo *ir*: a. *vou* cantar na festa; b. *vai* acontecer uma tragédia; (ii) Com o verbo *chegar*: a. Eu *cheguei* e disse: o barco tá furado, vamos re-

mar mais rápido; *chega* dizer bem alto pra ela escutar; b. *Chega* de falação; (iii) com o verbo *dar*. a. A terra é tão boa que *deu* frutos à vontade; b. As tragédias que passam na televisão *dão* angústia. Diante dos exemplos expostos, observamos que a materialização das expressões linguísticas com os verbos em análise surge em situações reais de uso associados aos processos cognitivos dos falantes, os quais permitem aos itens em estudo exercerem distintas funções – que convivem com funções já existentes na língua – e se convencionalizarem no português brasileiro por meio do seu uso e da consequente rotinização.

Vale destacarmos que não é possível, neste trabalho, abordarmos todos os conceitos que orientam os estudos sobre a variação e a mudança das línguas, mas, se tratando do processo de gramaticalização, faz-se necessário abordarmos os cinco princípios de Hopper (1991), uma vez que esses princípios perpassam e contribuem para o processo de gramaticalização, que será relevante para a análise que propomos. Dessa maneira, destacamos os princípios de Hopper (1991, p. 21) os quais estão presentes no processo rumo à gramaticalização dos verbos *ir*, *chegar* e *dar*:

- (i) Estratificação (*layering*): de acordo com esse princípio, “camadas” antigas de uso da língua não são necessariamente descartadas quando novas “camadas” surgem. Em outras palavras, “camadas” novas (verbo na função de auxiliar) e antigas (verbo na condição de pleno) podem coexistir.
- (ii) Divergência (*divergence*): Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) esclarecem que a forma antiga, ou aquela da qual se originou a forma nova no processo de gramaticalização não se altera e mantém-se autônoma, sujeita a mudanças que são próprias de sua classe, inclusive pode vir a sofrer um novo processo de gramaticalização. Vale dizermos que os verbos *ir*, *chegar* e *dar*, na condição de verbo pleno - indicam, respectivamente, movimento e transferência – continuam existindo, como se tomassem caminhos diferentes.
- (iii) Especialização (*specialization*): Como exemplo de um item em especialização, Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) citam o uso da expressão pronominal a gente e o nós, o primeiro vem ocupando as posições sintáticas de forma preferencial. Referente a presente pesquisa, verbos em estudo que, antes, ocupavam a função de pleno, vêm ocupando a condição de auxiliar acoplado a outras construções, tais como:

verbo e Sintagma nominal, formando um novo padrão de uso, [V1 + V2] e [Vdar+ SN], evidenciando a possibilidade dos verbos em estudo se apresentarem com características e atuação que se diferem do seu sentido pleno para sentidos mais abstratos.

- (iv) Persistência (*persistence*): trata-se da permanência de vestígios do significado primeiro, lexical, depois que uma forma passa pelo processo de gramaticalização, saindo de uma função lexical para outra gramatical, com a subsistência de seus significados lexicais. Determinadas características existentes nos três verbos em análise continuam a ser percebidas nos verbos após a gramaticalização. Assim, aventamos que os verbos *ir* e *chegar*, enquanto auxiliar: *Vou estudar* e *cheguei e falei* apresentam ideia de movimento, não movimento espacial, mas, sim, movimento temporal. Já o verbo *dar*, em: *darei entrada na documentação* apresenta resquício de sua função prototípica, a qual faz referência à atribuição.
- (v) Decategorização: é quando um item gramaticalizado tem seu estatuto categorial diminuído, possibilitando o surgimento de formas híbridas. Esse princípio implica perda de propriedades morfossintáticas da forma fonte e, também, perda do caráter de independência, passando a forma a adquirir características de categorias mais gramaticalizadas. Podemos perceber que o verbo *ir* e *chegar* deslocam-se da função de pleno para a função de auxiliar.

Para Hopper (1991), os princípios acerca do processo de gramaticalização se justificam, porque a estrutura linguística é constituída de um sistema adaptativo. Na próxima seção, apresentamos o percurso dos verbos *chegar*, *dar* e *ir* rumo à gramaticalização.

2.1. Gramaticalização dos verbos *chegar*, *dar* e *ir*

No estudo funcionalista, as pesquisas que analisam a mudança e a variação linguística ganharam um enfoque especial, com o princípio da Gramaticalização, descrita por Meillet (1912), como um percurso de categorias lexicais a gramaticais, ou, conforme Kurylowicz (1975), de categorias menos gramaticais a mais gramaticais. A descrição da trajetória das categorias tem o objetivo de compreender as propriedades estruturais

da forma – como o fenômeno de perda de material fonético, ocasionado pelo uso –, e da função – como abstratização e polissemia. Esse processo mostra o aspecto maleável, instável e, ao mesmo tempo, regular da gramática, demonstrando um percurso de criação de novas funções gramaticais, novas categorias e a passagem do léxico para a gramática ou a passagem de funções menos gramaticais para funções mais gramáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, HEINE *et al.*, 1991).

Heine e Traugott (1991) apresentam uma escala representativa nos quais categoria linguísticas passam por um percurso, conforme apresentado no esquema abaixo.

Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Segundo Rocha (2017), essa trajetória linear de categorias conceituais, o elemento da escala pode passar para categoria a sua direita. Fato que ocorre com o verbo *ir*, que passa da indicação original de espaço para uma interpretação temporal. Com o verbo *chegar* que parte de verbo pleno com indicação de movimento de um ponto fixo X para um ponto fixo Y, para função de verbo auxiliar, em determinados contextos, como nas perífrases verbais. E, o verbo *dar* que parte de verbo pleno para exercer funções que evocam a polissemia.

Cunha, Costa e Cezário (2016) descreve o processo de gramaticalização da seguinte maneira:

[...] na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por ter acabado de começar, mas se regulariza com o uso, com a repetição, passando a exercer pressão suficiente para fazer com que o que no começo era causístico, se fixe e se converta em norma, entrando na gramática. (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2016, p. 42)

Nessa citação, Cunha *et al.* (2003) evidencia o processo em que uma nova categoria é criada. Podemos considerar, por exemplo, que o verbo *ir* passou, a princípio, por uma ambiguidade, como no enunciado (01) retirado do *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista,

(01) “A gente vai viajar” (DFP – PCVC)

Notamos, também, nessa mudança de categoria o processo de metáforização, uma vez que, se pensarmos no verbo *ir*, por exemplo, podemos extrair do enunciado (01) dois sentidos: o de deslocamento de espaço físico e o de tempo futuro. Com a frequência de uso, essa estrutura (verbo *ir* + verbo no infinitivo) passa a ser convencionalizada e transpa-

rente, e o verbo *ir* ganha uma nova função: a de auxiliar temporal, e, conseqüentemente, perde seus traços prototípicos e se torna regular na língua. Assim, as desinências do futuro do indicativo, por exemplo, *-rei, rás, rá, remos, reis, rão* se convencionalizaram a partir do uso da perífrase constituída pelo verbo *haver*. Ou seja, na trajetória: hei de amar < amar hei < amarei, surgiu a forma sintética de futuro. Podemos destacar que no início desse processo, antes de se constituir como perífrástica de futuro, a perífrase constituída pelo verbo *haver* codificava ideia de obrigatoriedade (SILVA, 2015, p. 64).

Percebemos, nos enunciados, que o verbo *chegar* deixa de exercer sua função prototípica, no excerto (02) e passa a apresentar em (03), temos uma estrutura do tipo perífrástica, nas quais V1 é o verbo *chegar* e V2, nesses casos, verbo de elocução.

(2) INF: Fez ela chorá horrores conversô bastante com ela que acabô acalmando mais e foi pra casa, aí chegano lá a mãe dela queria por quê queria me pegá, queria por quê queria me bat... (LMRJ *corpus* PPVC);

(3) INF: Pedro ficou parado... o queixo caiu por que só eu que falava na aula de Pedro praticamente, né? Era eu e Sirlene e aí Pedro fez esse comentário, Pedro ficô parado observando ele assim, mas Pedro não tem contato, não tinha nem contato com criança, ‘tão ele achou surpreendente, uma amiga minha chegou e falou: “é um anão, seu filho não é uma criança, é um anão”. [LSSM *corpus* PPVC].

Observamos, diante dos exemplos apresentados, que, em (2), o verbo *chegar* exerce sua função prototípica, enquanto em (3) há um distanciamento da prototipicidade, uma vez que – nesse enunciado – verbo que indica, apenas, como marca de um turno discursivo...

Verificamos, também, nesses *corpora* a natureza polissêmica do verbo *dar* e o processo de gramaticalização do *dar* ao adquirir novas nuances semânticas. Vejamos, a seguir, os excertos (4), (5) e (6):

- (4) Aí o pai dá um livro pra ele. (JLS *Corpus* PCVC).
- (5) Os docentes pra que vão passar aquela educação dá a eles mais qualificação, dá a eles recursos. (LCS *Corpus* PCVC).
- (6) Só tem um vizinho que de vez em quando gosta de dá uma festinha no final de semana e perturba o sono (ASA *Corpus* PCVC).

Ao observarmos o comportamento do verbo *dar* nos exemplos apresentados, notamos que, em distintos contextos, o *dar* adquire cargas semânticas variadas à medida em que se distancia do seu valor canônico de transferência. Nesse processo de variação e mudança, podemos esquematisar um *continuum* de categorias:

+ prototípico > - prototípico
verbo pleno > verbo pleno abstrato > verbo suporte

Essa mudança escalonar é caracterizada como unidirecional²¹⁸ – do léxico para a gramática – e parte do pressuposto de que uma mudança ocorre em uma direção específica da qual não pode ser revertida. No caso do verbo *ir*, *chegar* e *dar*, essa proposta de trajetória unidirecional se dá do léxico para gramática

Na seção 3, discorreremos sobre os *corpora* da pesquisa.

3. *Corpora da pesquisa*

As amostras da presente pesquisa são constituídas pelos *corpora* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC).

Os *Corpora* observados são constituídos por entrevistas orais, as quais foram realizadas a partir de uma interação comunicativa entre o informante – pertencente à comunidade conquistense – e o entrevistador. A amostra para a realização da pesquisa é construída da seguinte forma: 48 (quarenta e oito) gravações realizadas; desse total, 24 (vinte e quatro) entrevistas foram realizadas com falantes que tinham, no mínimo, 11 (onze) anos escolaridade, constituindo assim o corpus do Português Culto de Vitória da Conquista; 24 (vinte e quatro) entrevistas executadas com informantes sem escolaridade ou com apenas 5 (cinco) anos de escolarização, formando o Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista. Em cada amostra de 24 (vinte e quatro) entrevistas, há 12 (doze) informantes pertencentes ao sexo feminino e 12 (doze), ao sexo masculino. Considerando os critérios mencionados, os *Corpora* foram divididos em três faixas etárias: (i) faixa etária I (15 anos a 25 anos de idade); (ii) faixa etária II (26 anos a 50 anos de idade) e (iii) faixa etária III (mais de 50

²¹⁸ Essa proposta de unidirecionalidade já é questionada por diversos autores, como Castilho (2004); Silva (2015) e outras abordagens de cunho funcional, como a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

anos de idade).

Diante do que foi discorrido sobre os *corpora* da pesquisa, vale ressaltar que os fenômenos linguísticos – percebidos nas amostras em análise – foram observados sob as premissas teóricas da abordagem Linguística Funcional Norte-Americana.

Na próxima seção, apresentamos, brevemente, a análise dos dados.

4. Análise de dados

Assim, podemos afirmar que *oir* acumula duas funções: (i) a de verbo pleno, com sentido de deslocamento, como no enunciado (02), e a de auxiliar verbal de futuro como em (03):

(02) Mais escolas, mais... professores que queira, assim, ensinar com amor, que... tenha assim alguma coisa que...que as crianças hoje *as vezes vai* pra escola por causa do... da falta, causa da bolsa família, *as vezes elas num* tão indo por *querê estudá*, por *querê aprendê*. Então eu ach'que tem que...ter alguma coisa, assim, que incentiva mais elas *nas escola*. (ACMG – PCVC)

(03) Das manifestações, eu ach'que foi válida, mas assim, eles usaram a *manifestações* pra poder agredir as pessoas, pra poder quebrar, então assim, não é assim que **vai conseguir** alguma coisa, então tem muitas pessoas que queria tá ali na rua pra fazer o mal às outras pessoas, então *aproveitô* a oportunidade e fez isso, então eu ach' que não seria dessa forma né, seria in' pras ruas, *pedino* né, justiça, *pedin'* outras coisas, não fazem' esse tipo de coisa que eles *fizeru*. (ACMG – PCVC)

Compreendemos, então, *apriori*, o *ir*, em determinado contexto, se desenvolve “metaforicamente a partir da pressuposição de futuridade que existe no movimento espacial”. (NEVES, 2004, p. 136). Assim, fica implicado que as categorias espaciais podem licenciar implicaturas temporais.

Martelotta (2011, p. 95) apresenta, então, um estudo com o verbo *ir*, que tomamos aqui por analogia, por apresentar, assim como o verbo *chegar*, a característica de movimento, cuja gramaticalização como auxiliar de futuro em Português demonstra que o novo uso de *ir* é inferido a partir de contextos ambíguos, como no exemplo do autor: “Ele vai falar com Paulo”, que pode significar: 1. Que há um ente que se move até

Paulo em um determinado lugar e fala com ele, ou, pode ser apenas, 2. Uma indicação de que a ação acontecerá no futuro. Da mesma maneira, observamos que expressões com o verbo *chegar* se sujeitam as mesmas condições do verbo *ir* na passagem de verbo pleno a verbo auxiliar, como em: “Ele chegou falou com Paulo o que bem queria”, que pode indicar: 1. Que alguém se movimentou do ponto X até Paulo e falou o que bem queria, como é possível que, 2. O verbo *chegar* esteja apenas aspectualizando a ação de falar com Paulo no passado.

Exemplos de estruturas em que o verbo *chegar* passa de pleno a auxiliar se enquadram no processo de gramaticalização em um princípio cognitivo específico, como afirma Lima-Hernandes (2011, p. 30), que é o da exploração de velhas formas para novas funções.

Reiterando que a variação e a mudança são processos inerentes à língua, uma vez que sua estrutura linguística está sujeita a pressões de uso quando inserida em contexto discursivo (MARTELOTA; AREAS, 2003), conjecturamos que o verbo *dar* é um item polissêmico, o que o permite apresentar – em distintos contextos interacionais – valor morfosintático e semântico distinto da sua função prototípica. Diante disso, observamos nos excertos a seguir que o *dar* percorre uma trajetória de gramaticalização

(4) INF: Eu me lembro que ela me tirô num amigo secreto e me **deu** um disco, um LP na época. (PARC Corpus PCVC)

No excerto (4), o *dar* apresenta o valor semântico de transferência e, do ponto de vista funcional, pertencem à categoria dos verbos plenos. Nesse caso, o sujeito agente transfere um objeto concreto para um sujeito paciente, ou seja, nessa construção temos um sujeito agente (ela) responsável pela transferência física de um objeto concreto (/disco) a um destinatário (pelo clítico me).

Partindo do princípio de que a língua é suscetível a novas criações, constatamos que novas interpretações do verbo em estudo surgem a partir do seu significado básico. Assim, a partir da categoria do verbo pleno, surgem outras categorias, dentre elas, a categoria do verbo pleno abstrato.

Nesse caso, há a permanência do sentido de transferência; entretanto o que é transferido não é um objeto concreto, como ocorre com o verbo pleno, mas um objeto que possui um traço [+abstrato] como veremos na ocorrência (5), quando o objeto transferido é o elemento abstra-

to, como carinho.

(5) INF: Como minha mãe é tudo bom, né? Ela brinca comi::go as vez eu **dou** carinho pra ela... ela dá carinho pra mim. (LBR Corpus PPVC).

Além do sentido de transferência, o verbo *dar* possui outras nuances semânticas que são motivadas para atender às diversas demandas comunicativas. Dessa forma, observaremos o verbo em estudo exercendo função de auxiliar.

(6) INF: [...] no dia que José Cordeiro descobriu olhando para um quadro de giz, quadro de madeira de giz, que juntando pá com o som i dava pai, ele **deu** um grito “pai!”, fantástico isso, uma coisa que nunca saiu de minha lembrança. (AIRM Corpus PCVC)

Nesse enunciado, *odarnão* apresenta o valor prototípico de transferência, uma vez que se une a um elemento nominal [V_{dar}+ SN], constituindo um todo significativo, correspondendo, grosso modo, a gritar. Nessa construção, reiteramos que *odar* exerce a função de verbo suporte, pois não há a possibilidade de determinar o significado desse verbo sem associá-lo ao significado do nome. Dessa forma, vale ressaltar que o verbo *dar* apesar de ganhar novas propriedades que possibilitam o surgimento e a criação de novas categorias gramaticais – ao passar pelo processo de gramaticalização –, não perde totalmente suas propriedades prototípicas, ou seja, originais (COELHO, 2016).

5. Considerações finais

À luz de teoria que versa sobre a variação e a mudança linguística, como o Funcionalismo Norte-Americano/Gramaticalização, a presente pesquisa mostra, em um diálogo breve entre os três verbos selecionados para a investigação, que os verbos *ir*, *chegar* e *dar* passam pelo processo de gramaticalização, uma vez que migram do item menos gramatical para o mais gramatical, isto é, os verbos em análise distanciam – em contextos de uso – da sua função mais concreta e passam a exercer uma função mais abstrata.

Na língua portuguesa, e, em específico, nas amostras do vernáculo conquistense, os verbos *ir*, *chegar* e *dar* passam pelo processo de abstratização quando evidenciam a perda de sentido prototípico. Esse processo de gramaticalização se efetiva especificamente no verbo *ir* quando - em uma estrutura inovadora - a futuridade é estabelecida. Assim, a trajetória

de dessemantização do verbo *ir* ganhou uma nova função gramatical mais abstrata, partindo da noção de espaço para a noção de tempo.

Com o verbo *chegar*, as principais evidências de abstratização ocorrem quando o *chegar*, admitindo expansão semântica em diferentes contextos de uso, perde o sentido de movimento de um ponto X para um ponto Y, ao exercer função apenas de marcador discursivo, ou seja, como verbo auxiliar, o verbo *chegar* marca o turno discursivo, anunciando a entrada de um falante em uma cena discursiva.

O processo de abstratização é o responsável pelo comportamento polissêmico do verbo *dar*. Com esse verbo, ao apresentar-se como auxiliar de um sintagma nominal, o *dar* perde o seu valor concreto de transferência, exercendo função de suporte ao predicador. Essa nova estrutura V_{dar} + SN permite a construção de novas acepções e extensão semânticas de determinados elementos linguísticos, ou seja, nessas construções, o *dar* une-se a um elemento nominal, constituindo um todo significativo, pois o este verbo, enquanto suporte, não determina o seu significado sem associá-lo ao significado do nome.

Diante do exposto, em nosso trabalho específico, reiteramos que os verbos *ir*, *chegar* e *dar* estão em processo de gramaticalização na língua e que os princípios postulados por Hopper (1991), a saber estratificação, divergência, especialização, persistência, de categorização, se justificam nesse processo porque a estrutura linguística é constituída de um sistema adaptativo que, em determinados contextos de uso, desenvolve em um processo contínuo novas funções gramaticais. (CUNHA, 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. de. Unidirectionality or multidirectionality?. *Revista do GEL*, v. 1, n. 1, p. 35-48, São Paulo, 2004.

COELHO, Luana Carvalho. *A gramaticalização do verbo dar: de predicador a integrante de expressões cristalizadas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UESB, Vitória da Conquista, 2016.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 158-74

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. *Linguística Funcional: teoria e prática*

ca. Natal: EDUFRN, 2016.

HEINE, B. *et al.* From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TROUGOTT, E; HEINE. B. (Orgs). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991 (1991a). p. 149-87

_____. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. (1991b) HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs and HEINE, Bernd (Orgs). *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36

HOPPER, P; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

NEVES. M. H de M. Introdução ao funcionalismo: Preposições, Escolas, Temas e Rumos. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, p. 13-28, 2004.

ROCHA, Nayara Crisley Barreto Brasil Farias. *Um estudo sociofuncionalista do verbo chegar na língua portuguesa: abstratização dentro e fora de estruturas perifrásticas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017. 138f.

SILVA, Milca C. E. *O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015. 127f.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.